



Vivemos numa época paradoxal: nunca foi tão fácil falar de Deus... e nunca foi tão difícil discernir quem o faz na verdade. Redes sociais, vídeos virais, podcasts, contas de “evangelização”... tudo parece apontar para um despertar espiritual. Mas, no meio deste ruído, surge uma pergunta incómoda e profundamente necessária:

Todos os que falam de Deus realmente servem a Deus?

A resposta, do ponto de vista da teologia católica mais clássica, é clara: **não**. E não se trata de uma opinião moderna nem de uma crítica superficial. É um ensinamento que atravessa a Escritura, a Tradição e o Magistério.

□ 1. O aviso de Cristo: nem todo o que diz “Senhor, Senhor...”

O próprio Cristo nos advertiu com uma clareza que hoje parece quase profética:

“Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai” (Mateus 7,21)

Estas palavras, contidas na Bíblia, não deixam espaço para interpretações cómodas. Não basta falar de Deus. Não basta invocá-Lo publicamente. Não basta criar conteúdo religioso.

O que realmente importa é fazer a vontade de Deus.

E aqui surge o primeiro grande critério de discernimento:

□ **a coerência entre o que se diz e a forma como se vive.**

□ 2. Uma tentação antiga com um rosto novo

Embora hoje falemos de “influencers católicos”, a tentação não é nova. Já nos primeiros séculos do cristianismo existiam falsos mestres, pregadores movidos pela vaidade e até heresias difundidas com grande eloquência.



São Paulo denunciava isso com força:

“Virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina...” (2 Timóteo 4,3)

A diferença hoje está no alcance global e imediato. Uma mensagem pode chegar a milhões de pessoas em segundos. E isso torna o problema muito mais delicado.

Antes, um mau pregador influenciava uma comunidade.
Hoje, pode influenciar uma geração inteira.

□ 3. O perigo do “eu” disfarçado de apostolado

Um dos maiores riscos hoje é subtil, mas devastador:

usar Deus como meio para o próprio protagonismo.

Nem sempre é evidente. Na verdade, muitas vezes apresenta-se sob aparência de bem:

- Conteúdos “edificantes”
- Mensagens emocionais
- Estética cuidada
- Discursos aparentemente ortodoxos

Mas, no fundo, pode haver um desvio perigoso:

□ **Deus deixa de ser o centro... e o criador de conteúdo passa a ocupar o Seu lugar.**

Aqui entra um critério espiritual fundamental:

□ Isto leva-me a Deus... ou à pessoa que fala de Deus?

Se o resultado é dependência emocional do influencer, admiração desordenada ou culto da personalidade, há um problema sério.

A verdadeira evangelização **desaparece atrás de Cristo.**



Não procura seguidores para si, mas almas para Deus.

□ 4. Critérios clássicos de discernimento (mais atuais do que nunca)

A tradição espiritual da Igreja oferece ferramentas muito concretas para discernir. Aplicadas ao contexto digital, são mais necessárias do que nunca:

1. Fidelidade à doutrina

Aquilo que se diz está em continuidade com o ensinamento da Igreja?
Ou introduz ideias ambíguas, relativistas ou puramente emocionais sem base teológica?

2. Humildade

O verdadeiro servo de Deus não procura aplausos.
Marca típica do falso: necessidade constante de validação.

3. Frutos espirituais

Cristo disse claramente:

┆ *“Pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7,16)*

Este conteúdo gera conversão, vida sacramental, oração...
ou apenas entretenimento espiritual?

4. Centralidade dos sacramentos

O verdadeiro apostolado conduz à Eucaristia, à confissão, à vida de graça.
Se tudo fica ao nível de “conteúdo”, falta o essencial.



5. Cruz e verdade

Onde está Deus, está a Cruz.

Se tudo é confortável, emocional e sem exigência... provavelmente falta profundidade.

⚖ 5. Entre o bem real e o perigo real

É preciso ser justo:

as redes sociais também têm sido um instrumento de graça.

Muitas pessoas redescobriram a fé graças ao conteúdo digital. Surgiram vocações. Começaram conversões.

Mas, precisamente por isso, o inimigo também atua ali.

Nem todo erro é malícia.

Nem todo influencer é um falso profeta.

Mas nem tudo o que emociona... é verdade.

📄 6. O problema da autoridade sem missão

Na Igreja, ninguém se envia a si mesmo.

Cristo enviou os Apóstolos.

Os Apóstolos transmitiram a missão.

A Igreja guarda esse envio.

Hoje, qualquer pessoa pode abrir uma conta e falar em nome de Deus. Mas isso levanta uma questão teológica importante:

📄 **Fala em nome próprio... ou em comunhão com a Igreja?**

Não se trata de clericalismo, mas de ordem.

A fé católica não é uma opinião pessoal, mas uma verdade recebida.



♥ 7. O que deve fazer um católico hoje?

Aqui está a parte mais importante: **a aplicação prática.**

Não se trata de desconfiar de tudo, mas de aprender a discernir.

□ 1. Não consumas a fé como entretenimento

A fé não é apenas mais um conteúdo.

Não serve para “sentir-se bem”, mas para salvar-se.

□ 2. Volta às fontes

- Escritura
- Catecismo
- Tradição

Não substituas isto por vídeos curtos.

□ 3. Prioriza a vida sacramental

Nenhum influencer substitui a confissão ou a Eucaristia.

□ 4. Pede discernimento na oração

O Espírito Santo não falha.

Pede luz concreta: “Senhor, mostra-me a verdade”.

△ 5. Cuidado com a idolatria espiritual

Sim, ela também existe dentro da Igreja.

E hoje assume a forma de seguidores, “likes” e carisma pessoal.



□ 8. O verdadeiro influencer: o santo escondido

Enquanto alguns acumulam seguidores, outros salvam almas no silêncio.

Uma avó que reza.

Um sacerdote fiel no oculto.

Um jovem que luta para viver em graça.

Eles não aparecem nas redes sociais.

Mas sustentam o mundo.

O verdadeiro “influencer” cristão não procura visibilidade.

Procura fidelidade.

□ Conclusão: menos ruído, mais verdade

Na era do conteúdo, a alma enfrenta um perigo silencioso:

confundir o que emociona com o que salva.

Por isso, mais do que nunca, precisamos voltar ao essencial:

- Cristo no centro
- A verdade sem compromissos
- A humildade como caminho

Porque, no final, não seremos julgados por quantos seguidores tivemos...

mas por quanto amámos a Deus e cumprimos a Sua vontade.

| *“Examinai tudo e guardai o que é bom” (1 Tessalonicenses 5,21)*

Este é o desafio.

Este é o caminho.